

Experimentações ético-estéticas em pesquisa na educação

Organizadores:
Margarete Axt
Fernanda S. Amador
Joelma A.A. Remião

Experimentações ético-estéticas em pesquisa na educação

Organizadores:
Margarete Axt
Fernanda S. Amador
Joelma A.A. Remião

Projeto Editorial:

Panorama Crítico Editora

Organizadores:

Margarete Axt

Fernanda S. Amador

Joelma A.A. Remião

Coordenação Editorial:

Alexandre Nicolodi

Revisão:

Isaque Gomes Correa

Projeto Gráfico e Editoração:

Alexandre Nicolodi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E96

Experimentações ético-estéticas em pesquisa na educação
[recurso eletrônico] / Organizadores: Margarete Axt, Fernanda S. Amador,
Joelma A. A. Remião. – Porto Alegre : Panorama Crítico, 2016.
300 p.

Sistema requerido: *Adobe Acrobat Reader*.
Livro também com a extensão ePub para e-Readers.
ISBN 978-85-63870-14-8

1. Educação - Pesquisa. 2. Educação – Experiências. I. Axt, Margarete. II.
Amador, Fernanda S. III. Remião, Joelma A. A. IV. Título.

CDU 371.388

Biblioteca responsável: Andréa Fontoura da Silva – CRB10/1416

Virtualizando e individuando coletivos:

as tecnologias como dispositivo de (des)construção

Grace Tanikado
Cleci Maraschin
Rafael Diehl

A utilização de tecnologias digitais como forma de intervenção em saúde mental surge na busca por estratégias de ação diferenciadas, utilizando-se de características próprias dos meios digitais nos projetos terapêuticos, considerando-os como mais amplos do que somente endereçados às patologias, e abrangendo outras dimensões relacionadas ao cuidado à loucura.

O percurso do projeto de pesquisa *Oficinando em Rede*¹ tem se construído a partir da produção de estudos que se dedicam a pensar esta relação. Este texto tem como objetivo apresentar algumas das relações construídas durante este percurso, tomando como campo de experiência uma oficina realizada com os trabalhadores de um serviço de saúde mental que é parte da rede pública de atenção à saúde, o Centro Integrado de Atenção Psicossocial (Ciaps)².

Iniciamos trazendo as características do recente encontro entre cuidados em saúde mental e tecnologias. Seguimos apresentando um fragmento da oficina de produção do website do Ciaps pelos trabalhadores do serviço. Tecemos, em meio a estes momentos, algumas análises produzidas a partir da própria experiência.

Os efeitos das novas tecnologias têm sido alvo de debates em âmbitos diversos. Implicações negativas para o entendimento da condição humana são referidas no caso dos efeitos no mundo do trabalho. Um conjunto de argumentos pessimistas enfatiza a substituição do homem pela máquina, aumentando o desemprego e intensificando os afazeres dos que conseguem manter seus postos de trabalho. Ainda é citada uma transformação no conteúdo do trabalho e as implicações psicológicas e emocionais para o trabalhador, como a perda do sentido do trabalho e da identificação com ela, uma submissão ao ritmo da máquina e do controle sobre suas práticas (Rebecchi, 1990 apud Holzmann, 2002). Em outro nível de análise, destaca-se a possibilidade do empobrecimento da linguagem verbal como mediador na comunicação pelo uso excessivo das tecnologias digitais (Jimenez, 2005).

Este rechaço à tecnologia não é um acontecimento particularmente contemporâneo. A tecnofobia, ou seja, uma aversão às tecnologias já é descrita e analisada por Simonodon³ (2008). O autor contrapõe o estranhamento do humano à técnica, afirmando que a gênese e o desenvolvimento técnico são paralelos ao desenvolvimento da cultura humana. Assim, não haveria uma separação entre a produção cultural, com atividades humanas, vivas, dotadas de sentido, condicionadas pelo pensamento social e pelos rituais coletivos, e a técnica, composta por objetos fragmentados e indiferentes à humanidade, concorrendo com as potencialidades e qualidades da cultura.

Essa perspectiva é primordial para pensarmos no uso das tecnologias como potencializadoras de outras relações. As tecnologias complexificam as interações sociais e provocam o questionamento sobre as novas formas de vida em comum (Tirado, 2006). Como exemplo, é possível citar as mudanças nos modos de escrever a partir do suporte informático, que pode reunir pessoas com condições perceptivas distintas (cegos, surdos e ouvintes) para uma produção coletiva (Demoly; Maraschin, 2007); a expansão e organização de redes de colaboração solidária (Edelwein; Maraschin, 2003); atuação como ferramenta na

educação que favorece a interação entre alunos e professores (Real; Maraschin; Axt, 2007).

Nas intervenções em saúde mental as tecnologias podem ser ferramentas para o trabalho. Através de oficinas, podem atuar na criação de novas experiências de vida para pessoas em sofrimento psíquico, devido ao potencial das tecnologias, a sua capacidade de convergência de mídias e de atividades em conjunto (Francisco; Maraschin; Axt, 2007). As tecnologias podem, ainda, atuar como suporte para sujeitos que não encontravam formas de expressão, ao possibilitar a utilização de recursos diferenciados de convocação à interação (Maraschin et al., 2007) e de produção de narrativas de si (Vianna, 2008).

A potência das oficinas tecnológicas produz efeitos políticos no campo da saúde mental. Esta forma de intervenção, assim, pretende acompanhar os pressupostos da Reforma Psiquiátrica⁴, fazendo uma aproximação com as dimensões propostas por Amarante (2003): há uma mudança na posição dos agentes que estão envolvidos na intervenção, tornando os usuários dos serviços de saúde mental mais ativos no processo, menos passíveis de uma posição de objeto. A possibilidade de criação de caminhos a serem percorridos é ampliada, já que o espaço virtual possui direcionamentos, mas também infinitas possibilidades de ligar pontos diferentes a cada navegação, formando trajetórias singulares e menos marcadas pelas estigmatizações que guiam o percurso dos sujeitos que passam pela experiência da loucura. No ciberespaço, trabalhadores, usuários e pesquisadores estão menos diferenciados, já que no uso das ferramentas técnicas todos têm familiaridades muito próximas – todos a utilizam como usuários da tecnologia.

Este é um dos pontos mais desafiadores para os pesquisadores que se propõem a utilizar a tecnologia como instrumento psi. Tal como afirma Kastrup (2000), o território mais propício para a intervenção é aquele em que nem sabemos mais se o que fazemos é psicologia. Na relação com as tecnologias digitais, atravessamos esse

terreno permanentemente. A utilização das ferramentas tecnológicas como intercessores do trabalho nas oficinas traz a necessidade de que os pesquisadores-oficineiros tenham contato com um registro de saber que ultrapassa suas formações iniciais: é preciso saber operar as máquinas, seus *softwares*, suas redes.

A articulação das linhas que cruzam a constituição dos serviços de saúde se reflete nas oficinas. A utilização das tecnologias digitais como dispositivo de intervenção gera tensões no serviço: as oficinas são operadas por bolsistas de pesquisa em conjunto com trabalhadores, e, apesar de um esforço da equipe de pesquisa em transformar o uso dos computadores num componente das intervenções do serviço, parte dela – da equipe – ainda compreende que seu uso está restrito às intervenções dos pesquisadores, e não se apresentam familiarizados com as potencialidades deste tipo de trabalho. Um movimento que acontece por demanda dos usuários tem produzido diferenças nessa relação: os jovens e crianças denominam alguns trabalhadores como “a tia do computador”.

Assim, justificada pela necessidade de uma aproximação dos trabalhadores aos meios digitais, surge a proposta da realização de oficinas com o propósito de construir um *website* do Ciaps pelos trabalhadores.

Essa proposta, integrante do subprojeto “Oficinando em Rede: Exercícios de Inteligência Coletiva” (Maraschin, 2008), localizava-se nos esforços para uma maior aproximação do Ciaps às ferramentas tecnológicas através da experimentação, pelos próprios trabalhadores, de uma intervenção utilizando a tecnologia. Ao propor a produção de um *website* do Ciaps como dispositivo, a oficina buscava se constituir como um exercício de construção coletiva do trabalho da própria equipe, utilizando o espaço virtual como campo de experimentação. Fizemos, assim, uma aposta na tecnologia como um dispositivo para a problematização, pelo seu potencial em virtualizar relações e formas e em criar um território comum de conversa que não fosse aquele do

trabalho cotidiano.

Utilizamos o conceito de dispositivo desenvolvido por Deleuze (1990) a partir de Michel Foucault. Deleuze aponta que, entre as dimensões de um dispositivo, estão as curvas de visibilidade e as curvas de enunciação; e o define como máquinas de fazer ver e de fazer falar. Nesse mesmo sentido, Kastrup e Barros (2009) afirmam que o que caracteriza um dispositivo é a sua capacidade de irrupção naquilo que se encontra bloqueado para a criação. Ele tensiona, movimenta, desloca. É feito de conexões e produz outras. Podemos dizer, junto a Lévy (1996), que ele opera a virtualização.

Assim, a pesquisa pretende servir a um propósito através de dois movimentos: proporcionar uma maior autonomia da equipe na utilização das tecnologias digitais e provocar uma abertura para o contato com redes variadas, tais como de saúde, educação, juventude, infância e assistência social.

A seguir apresentamos um breve recorte desta experiência, entrelaçada com alguns intercessores teóricos que nos auxiliaram na realização e produção deste estudo.

Oficina de produção do *website*: Exercícios de virtualização e coletivização

Apostamos que o exercício que propomos constituiu-se como um dispositivo de virtualização do próprio Ciaps a partir de uma ação da sua equipe técnica. Tomamos a virtualização a partir da proposição que Lévy (1996) produziu da leitura da obra de Gilles Deleuze.

Virtual provém da palavra latina *virtus* que significa força, potência. Esta virtualidade pode atualizar-se em outra coisa, sem que necessariamente passe à concretização efetiva ou formal. Ou seja, o virtual não leva necessariamente a uma realização do que é esperado ou possível, mas à criação de outras formas (Lévy, 1996).

Para Lévy (1996), o possível já está todo constituído, mas

permanece no limbo, e se realizará sem mudanças em sua natureza, mantendo sua forma. Sua realização, assim, não é criação, é apenas a seleção de alguma das possibilidades já definidas anteriormente.

O virtual, ao contrário do possível, não contém possibilidades a serem selecionadas, mas configura-se como campo problemático, nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um objeto ou uma entidade qualquer. O complexo problemático do virtual está presente nas entidades e se constitui como uma de suas maiores dimensões. O encaminhamento a um processo de resolução – a atualização – se dá a partir das coerções que são próprias de cada entidade, provocando a invenção e a coprodução de soluções a partir dos encontros com a diversidade de circunstâncias.

Iniciamos participando das reuniões semanais da equipe técnica do serviço, da qual participam assistentes sociais, enfermeiros, terapeutas ocupacionais, médicos clínicos, neurologistas, foniatrás, psiquiatras, psicólogos, psicopedagogos e educador físico. Nas reuniões, apresentamos o convite a todos os técnicos e pactuamos a configuração da oficina: oito encontros de duas horas para a construção da página pelo grupo. Pela limitação física do laboratório de informática localizado no Ciaps, que possui cinco computadores, não seria possível que todos os técnicos do serviço participassem (são dezessete no total). Combinamos, então, que após a produção haveria uma apresentação à equipe para que todos pudessem participar da construção.

A oficina contou com a participação de nove técnicos e três oficineiros do projeto *Oficinando em Rede*. Inicialmente, realizamos um exercício para proporcionar uma familiarização dos técnicos com as ferramentas de produção de documentos hipertextuais. Utilizamos na oficina o *Kompozer*⁵, *software*⁶ de edição de linguagem HTML. Tal como definido nas balizas de funcionamento do *Oficinando*, somente utilizamos *softwares* de livre distribuição e com código fonte aberto⁷.

Os técnicos formaram pequenos grupos ou duplas de trabalho,

e neste primeiro momento escolheram os temas sobre os quais iriam trabalhar nesse exercício: a cidade, música, viagens, jovens e aprendizagem. É um momento bastante introdutório à utilização das ferramentas, já que os participantes tinham diferentes níveis de conhecimento das tecnologias digitais: alguns pareciam muito à vontade, outros tinham pouca circulação pela *internet*.

Após a produção realizada neste primeiro encontro, propusemos um exercício de planejamento conjunto do que constituiria a página do Ciaps. Este exercício foi realizado utilizando papel e caneta, designando uma folha para cada uma das páginas do *site*. Utilizamos o varal que expõe normalmente as produções dos jovens e crianças. Abaixo segue-se uma imagem do que seria a página inicial.

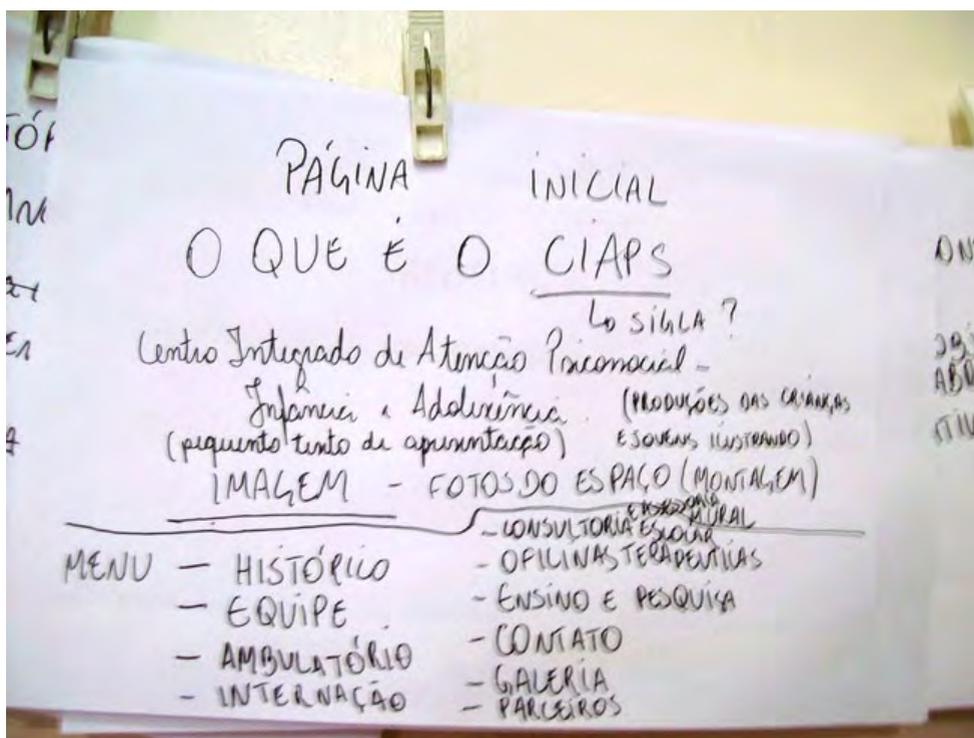


Figura 1: Planejamento da página inicial

Nessa experiência, o Ciaps se redesenha: todos falam ao mesmo tempo, sugerem seções, pensam conteúdos. Além da página inicial, são definidas onze páginas, que falam da história do serviço, apresentam as atividades, a organização do trabalho. Nesse momento, também é realizada a combinação de que as duplas, ou o grupo, iriam se deter à produção de determinadas páginas e, após, compartilhar a produção com todos os colegas da oficina.

Um dos movimentos produzidos a partir de uma das páginas definidas foi em relação à página “Oficinas Terapêuticas”. Ela traria os objetivos e os tipos de atividades desenvolvidas no Ciaps dentro desta modalidade de intervenção terapêutica. Surge então um questionamento de alguns participantes em relação à denominação “oficina”. Perguntam o que a diferencia de um grupo. “Todas as práticas de grupo são oficinas?” Os participantes entendem que não. “Todos os grupos são terapêuticos?” São discutidos alguns exemplos do cotidiano do Ciaps: grupo ou oficina de cuidados pessoais, leitura do livro, musicoterapia. Um dos participantes se dirige à oficinaira: “Vamos pedir ajuda aos universitários. O que fazemos é grupo ou oficina?” (A oficinaira é professora universitária). Afirma que, teoricamente vão existir muitas definições de grupos e oficinas, mas o importante é definir a partir das experiências do Ciaps.

Esta discussão também retornou no momento em que o *website* produzido na oficina foi apresentado a toda equipe do Ciaps. A questão era a nomenclatura utilizada na descrição das atividades: foram localizadas como “oficinas” as atividades realizadas em grupo no Ciaps. Alguns técnicos, porém, disseram-se incomodados com tal título e pouco familiarizados com sua realização. “Acho que os grupos ficaram desprestigiados, pois foram somente citados”, afirmou uma das trabalhadoras. Sugeriram a utilização de termos como grupos terapêuticos ou grupos operativos. A equipe dirigiu-se aos oficinairos em vários momentos da discussão, procurando uma resposta para a questão sobre “o que mesmo eles faziam” ou “qual a diferença entre

grupos e oficinas”.

Nesses instantes, foi importante a retomada do papel do grupo de pesquisa dentro do Ciaps: a nossa atuação não tem o objetivo de trazer respostas ou transmitir conhecimento de forma vertical. Pelo contrário, participamos como catalisadores de uma construção autoral dos próprios profissionais sobre seus fazeres e conhecimentos. O encaminhamento para essa questão, então, foi utilizar os dois termos: oficinas e grupos terapêuticos.

A utilização de ferramentas tecnológicas, através das oficinas de construção do *website*, teve como objetivo servir como dispositivo para a emergência de um campo problemático no Ciaps, virtualizando sua organização e suas relações internas e externas. De início, percebemos que o encontro possui uma dupla direção, buscando ampliar o nosso olhar neste trabalho e incluindo a operação da tecnologia nos encontros entre o Oficinando e o Ciaps.

O encontro com a tecnologia informática pode, à primeira vista, causar desconforto para aqueles que ainda não vivem cotidianamente conectados a computadores e redes de *internet*. O salto ocorrido na difusão das tecnologias de informação e comunicação criou uma diversidade nos modos de relação com essas máquinas e redes, e forma diversas ecologias cognitivas (Lévy, 1997): há aqueles que têm a tecnologia informática como base de suas ecologias cognitivas; há os que a incorporaram em seu funcionamento; há aqueles que se aproximam e fazem dela um utilitário; e tantas outras formas de relação.

Assim, anteriormente a uma utilização da tecnologia como dispositivo de intervenção em nossos fazeres – trabalhadores do Ciaps e pesquisadores do Oficinando –, temos um encontro com esse aparato em nossas cognições. As formas de relação que temos singularmente com a tecnologia são confrontadas a partir da proposta de trabalho do Oficinando. Um confronto que se desdobra ainda por outra seara

muito delicada no campo em que atuamos: as práticas em saúde mental, ligadas a profissões do cuidado e assistência, que têm seus desenvolvimentos alicerçados sobre uma base de formação humana, em sua acepção tradicional de separação da técnica.

Assim, enfrentamos um duplo confronto: que relações temos como sujeitos com a tecnologia informática e o que isso tem mesmo a ver com o trabalho que desenvolvemos em saúde mental? O que foi possível demarcar é que o potencial de desterritorialização da tecnologia provoca as relações. Coloca em questão papéis assumidos em ambientes tão fortemente instituídos: o hospital psiquiátrico e a universidade.

A operatividade técnica, tal como definida por Simondon (2008), é resultado de uma operatividade humana. O autor afirma que a operação humana que compõe a máquina pode ser destacada por outros entes que a utilizam pelo reconhecimento de uma operação que ele também possui. Ou seja, é preciso visualizar na máquina algo de comum a si, de análogo. Desse modo, ela pode realizar o seu potencial de fazer a ligação entre as pessoas.

Na oficina de construção do *website* do Ciaps, foi possível experienciar essa ligação pela tecnologia. Trabalhadores do serviço puderam circular por espaços comuns com seus colegas, travando conversas sobre temas que não eram somente os ligados ao trabalho, quando construíram suas páginas pessoais. Uma sensibilização para uma forma de conversa nova, produzida pela hipertextualidade: o *website* é um ponto que pode se ligar a tantos outros na *internet*. O que se pode falar sobre o seu trabalho? Quem irá ler o que eles escrevem? Um possível usuário, um profissional que busca um espaço de encaminhamento, um estudante em busca de campo de estágio? Como cada um desses entes pode ler o que está na página?

Operar as máquinas para comunicar coloca os trabalhadores em outro regime de produção. As distinções entre saberes ficam diluídas

durante o processo: todos estão aprendendo, todos estão falando, todos estão produzindo. A tecnologia atuou nessa experiência como a “bola do jogo”, objeto-ligação que faz disparar a conversa e media a relação. Esse objeto seria o responsável por levar o todo a cada sujeito e cada sujeito ao todo (Lévy, 1996). A discussão é produzida a partir do suporte tecnológico que confere forma a essa produção. Surgiram, assim, questões sobre temas presentes naquele campo, mas que ficam submersos em meio a um cotidiano de práticas já determinadas.

Além dos desafios diante das problematizações mencionadas, a conexão em rede engata os participantes no estabelecimento de conversas com o mundo digital. Poder operar com modos de linguagem que são comuns a uma comunidade de internautas certamente fornece ferramentas de pertencimento, de exercício ampliado de cidadania, capacitando-nos a uma distinção entre diferentes encontros nesses outros mundos.

Retomando...

O desafio proposto e aceito pelos trabalhadores desse serviço de saúde mental e pelos pesquisadores, numa modalidade de pesquisa que o pesquisador faz e constrói junto, constituiu-se em um dos momentos mais produtivos do encontro entre profissionais do serviço e universitários, como fomos chamados.

Como dissemos, a tecnologia funcionou como um operador de relações. Um operador de virtualizações. Assim pensamos, pois, ao tratar de montar uma página a ser disponibilizada na *internet* sobre o serviço, muitas questões e problemas puderam ser retomados. Foram questões e problemas que, no cotidiano do trabalho, passam “bati-das”, ou naturalizadas. Do lado do serviço, foi possível colocar em questão definições e sua relação com os seus modos de trabalhar. Do lado da equipe de pesquisa, foi importante retomar a especificidade técnica do ato de pesquisar, pois o próprio dispositivo de pesquisa é

também produtor de relações humanas que são moduladas pela maneira como dispomos um encontro numa oficina que, em seu contexto, pode ser questionada como forma de fazer.

Apostar que as tecnologias digitais potencializam relações e coletivos exige também perguntar sobre o modo como pesquisamos, pois todo fazer possui uma dimensão técnica e que, para poder problematizar modos já instituídos, o coletivo se constitui como fator de validação de produção de conhecimento implicado. Assim, no momento de construção e publicação da página na *internet*, houve a necessidade de negociação com outros setores do hospital (direção, setor de pesquisa) e com a própria Secretaria da Saúde do Estado, que hospedou a página. Em cada negociação, os trabalhadores interagiram como coletivo e receberam *feedbacks* desses outros coletivos. Alguns desses retornos foram bastante restritivos, mas o importante é que não foram tomados de modo individual, e sim coletivamente, o que possibilitou um importante processo de autoanálise da equipe.

A realização dessa pesquisa-intervenção trouxe como efeito a reflexão de que as tecnologias digitais podem se constituir em potentes ferramentas de intervenção em saúde mental desde que possam reconfigurar experiências singulares baseadas na construção de um coletivo produzido em um fazer comum, ou seja, baseado na tecnicidade de todo fazer e na potencialidade de virtualização que a diferença coloca em cada configuração de corpos, máquinas e afetos. É uma experiência que, ao deslocar relações e modos de trabalhar instituídos, pode potencializar a construção de novos, os quais deverão, a seguir, ser novamente deslocados. Trata-se, enfim, de criar máquinas de fazer deslocar, fazer movimentar sem se deixar capturar. Talvez, nesse jogo permanente de (des)construção, possamos experimentar a saúde no sentido de Canguilhem (2009), ou seja, no exercício da potência da normatividade e não da normalização...

Notas:

1 - O Projeto Oficinando em Rede teve início em 2004, com uma parceria entre o Instituto de Psicologia da UFRGS e o Ciaps do Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP). A principal metodologia é a proposição de oficinas com a utilização de tecnologias digitais em uma abordagem de pesquisa-intervenção. O grupo toma como campo a saúde mental, agregando atualmente, além do Ciaps, uma Unidade Básica de Saúde com Estratégia de Saúde da Família.

2 - Essa experiência também serviu como campo de estudo para a dissertação da primeira autora, orientada pela segunda (cf. Tanikado, 2010).

3 - Os trabalhos de Simondon foram originalmente publicados nas décadas de 1950 e 1960.

4 - A Reforma Psiquiátrica brasileira pode ser descrita como o processo de discussão e modificação no modelo de assistência à saúde mental baseado na constatação de que o manicômio é incapaz de produzir saúde e que devem ser feitos esforços para uma rede de atenção com serviços de base comunitária. Isso implica a extinção de leitos em hospitais psiquiátricos, redirecionando as internações para hospitais gerais, e a criação de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) como serviços substitutivos à lógica asilar.

5 - Programa utilizado para produção de sites, de livre distribuição. Considerado de fácil operação, não necessita de conhecimentos sobre programação de sistemas para ser utilizado, já que possui uma interface muito próxima a um editor de textos.

6 - Conjunto de instruções em linguagem de máquina que controlam e determinam o funcionamento de um computador e seus periféricos (cf. Costa, 1999).

7 - A escolha pelo uso do software livre implica uma questão de liberdade de expressão (e não como uma questão de preço ou gratuidade). Esse programa, leva em conta quatro liberdades consideradas essenciais: a liberdade de utilizar o programa para qualquer propósito; a liberdade de estudar o programa e de alterá-lo; a liberdade de distribuir cópias deste programa; a liberdade de alterar e distribuir o programa alterado (cf. Spohr; Wild, 2010).

Referências

AMARANTE, Paulo. A (clínica) e a reforma psiquiátrica. In: AMARANTE, Paulo (coord.). *Arquivos de saúde mental e atenção*

psicossocial. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do nascimento. Disponível em: <www.escolanomade.org>. Acesso em: 9 abr. 2010.

DEMOLY, Karla; MARASCHIN, Cleci. Tecnologia, escritura e diferenças perceptivas: a criação hipertextual de professores. In: *Anais do II Encontro Nacional sobre Hipertexto*. Fortaleza: Universidade Federal de Pernambuco, 2007. Disponível em: <http://www.abehte.org/anais/ANAIS/Art26_Demoly&Maraschin.swf>. Acesso em; 29 jul. 2008.

EIDELWEIN, Karen.; MARASCHIN, Cleci. (2003). O operar de um coletivo na web. In: *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 23, n. 3 p. 48-55. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000400008&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 29 abr. 2008.

FRANCISCO, Deise Juliana. *Criando laços via recursos informatizados: Intervenção em saúde mental*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Informática na Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

FRANCISCO, Deise; AXT, Margarete; MARASCHIN, Cleci. (2007). Informática e saúde mental: Caminhos de uma oficina. In: *Renote: Revista Novas Tecnologias na Educação*, v. 5, n. 1, p. 1-16. Disponível em: <<http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo9/artigos/10cDeise.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2008.

HOLZMANN, Lorena. Novas Tecnologias. In: CATTANI, Antonio David. *Dicionário Crítico sobre Trabalho e Tecnologia*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 224-228

JIMÉNEZ, Rafael Vidal. Educação, poder e mercado: desconstrução

crítica dos efeitos disciplinantes das TIC na nova Escola do Espetáculo. In: *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 2005, vol. 9, n. 18.

KASTRUP, Virginia; BARROS, Regina Benevides. Movimentos funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método cartográfico: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 76-91.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996. 157 p.

LINUX. *Sistema Operacional Linux*. Disponível em: <<http://www.linux.org/>>. Acesso em: 5 març. 2010.

MARASCHIN, Cleci. *Oficinando em Rede: Exercícios de Inteligência Coletiva*. Projeto apresentado para solicitação de continuidade de bolsa de produtividade em pesquisa. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia/Faculdade de Educação, 2008. 20 p. (mimeo)

MARASCHIN, Cleci et al. *Projeto oficinas em rede*. Relatório de Pesquisa. Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia/Faculdade de Educação, 2007. 55 p. (mimeo)

REAL, Luciane Corte; MARASCHIN, Cleci; AXT, Margarete. Projetos de aprendizagem e tecnologias digitais: uma experiência promovendo transformações na convivência na escola. In: *Renote: Revista Novas Tecnologias na Educação*, v. 5, p. 1-11, 2007.

SIMONDON, Gilbert. *El modo de existencia de los objetos técnicos*. Buenos Aires: Prometeo-Paidós, 2008.

SPOHR, Fulvia; WILD, Rafael. Tecnologia. In: MARASCHIN, Cleci (org). *Oficinando em Rede* (não publicado). Porto Alegre, 2010.

TIRADO, Francisco Serrano. Lo social y lo virtual. In: TIRADO, Francisco Serrano y DOMÈNECH, Miquel i Argemí. *Lo Social y Lo*

Virtual: Nuevas formas de control y transformación social. *Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad*. Editorial UOC. Barcelona, España, 2006.

VIANNA, Tatiane. *Oficinando enredos: O encontro do adolescer em sofrimento com a tecnologia*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

TANIKADO, Grace Vali Freitag. *Virtualizando Coletivos: Tecnologias e pesquisa-intervenção*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.